

1. Introdução

Na tentativa de iniciar este trabalho, confesso que refuguei por várias vezes diante da tela vazia ou até mesmo da folha em branco. Não que eu estivesse inseguro do tema escolhido, e sim, muito mais pelo caminho o qual deveria tomar, diante das tantas possibilidades que a mim se ofereciam a cada leitura, a cada conversa, a cada reflexão. E foi refletindo, durante uma caminhada, no intervalo do almoço de um dia de aula pesado, vertical, que pressionado pelo esgotamento físico e psicológico, sobretudo pelo esgotamento do tempo, cada vez mais escasso para produzir esta dissertação, veio-me ao espírito uma fragilidade de menino e a saudade de minha mãe. Há anos falecida, mas tão constante em minha memória, sua lembrança repercutiu como um gatilho, acionando relações com o tema até então imperceptíveis para mim. A partir daquele momento, tudo quanto se apresentava obscuro ou ilógico, ganha nitidez e passa a constituir sentido.

Talvez alguém possa estar se perguntando no que a simples lembrança de minha mãe contribuiu neste trabalho. Pois posso garantir que muito embora se tratasse de uma paraibana iletrada e de modos rústicos, mais do que relevante, a singela imagem de D. Bui em meu pensamento fora fundamental, sob todos os aspectos, elucidando e ensinando o que talvez eu não tenha absorvido na academia. Apesar de desprovida da educação formal, tais classificações a ela atribuídas, no entanto, ocultavam extrema sensibilidade e romantismo, principais heranças a mim transmitidas e pelas quais sou feliz de ter sido agraciado.

Desde criança habituei-me a ouvir de minha mãe clamores de cunho religioso a Nossa Senhora da Conceição. Bastava um dia de chuva forte, com raios e trovões para que ela evocasse esta divindade, pedindo-lhe misericórdia e que nada de mal acontecesse. Assim também era quando meu pai (que era evangélico) e meus irmãos mais velhos saíam para o trabalho, nas manhãs ainda escuras. Recordo-me nitidamente de suas palavras, porque mais tarde a mim também ela diria em prece “que Deus o proteja e que Nossa Senhora da Conceição o acompanhe!”. Sua devoção não passava pelo beatismo das igrejas. Muito mais estava atrelada a sua origem nordestina, gente caracteristicamente marcada, dentre outras coisas, pela fé.

Num outro viés da mesma lembrança pela qual fui afetado, um fato curioso que cercava a personalidade de minha mãe: o estranho prazer em colecionar pedras. Em qualquer lugar aonde fosse passear, de lá trazia uma pedra. E quando algum parente ou amigo viajava, se lhe perguntasse o que queria que trouxesse da viagem, ouvia dela, incrédulo, a estranha resposta: uma pedra. Não sei ao certo de onde minha mãe tirou aquela mania. Talvez de um desses filmes vespertinos, aos quais ela se deleitava a assistir diariamente, sobretudo após a morte de meu pai. O fato é que a nossa casa tinha pedras de toda forma e tamanho espalhadas por todos os cantos, sobre os móveis, prendendo as contas por pagar, sobre a televisão, bem como na velha penteadeira, misturadas aos vidros de Alfazema e produtos da Avon. Pedras de rios, de praias, de lugares tantos e de espécies diversas, as quais eu nunca saberia qualificar.

Ainda como um complemento a tudo isso, minha mãe teve boa parte da sua história, após a chegada ao Rio, vivenciada nos morros da Formiga, do Borel e da Mangueira. Deles ela nos contava com um misto de tristeza e saudade as experiências dos primeiros anos de casamento com meu pai, Seu Otávio, com quem vivera até que ele desencarnasse em 1984, dez anos antes dela.

Por fim, a nossa residência no bairro do Irajá, que embora não ficasse em nenhum morro, está ainda hoje edificada a cerca de três metros de uma grande pedreira, e que por não haver calçada, apenas a estreita rua é o divisor entre ela e o muro. No alto dessa pedreira residia uma numerosa família de negros, dividida em humildes residências, sendo uma dessas unidades um espaço religioso onde ocorriam batuques de candomblé. No carnaval, aquela família era a base dos componentes do extinto Grêmio Recreativo Bloco Carnavalesco Dragão de Irajá, ratificando sua forte ligação com o samba. Ritmistas, passistas, baianas, compositores, destaque, por todos os segmentos da agremiação eles podiam ser encontrados.

A pedreira era uma espécie de ponto de encontro, uma praça natural que dispensava brinquedos, grama e jardim. Era tida como um grande quintal para toda a vizinhança, principalmente para as crianças da região, no lúdico exercício de soltar pipas e balões ou de simplesmente tê-la como um mirante, para uma observação panorâmica do bairro.

Era, ainda, local utilizado por espíritas para rituais e despachos, e os moradores mais antigos contavam histórias de mistério sobre ela. Cresci ouvindo narrativas de que Seu Dadinho, o mais idoso membro da “família da pedreira”, em noites de lua cheia transformava-se em lobisomem. Ou ainda de que a pedreira estava crescendo, e de que a “mãe do ouro” fora testemunhada algumas vezes, de madrugada, em sobrevôo, desfazendo-se em facho de luz, até desaparecer de vez no contato com a superfície da rocha. O fato é que a pedreira produzia um imaginário coletivo e era inegável a influência dela sobre os moradores do seu entorno. Mesmo sem entender direito como isso se processava, podia-se sentir a inefável força da pedreira.

Prestadas todas estas informações, que mais parecem um surto de lembranças vagas, julgo-as pertinentes para a compreensão do que se segue. Creio, dessa forma, poder iniciar minha escrita, mais embasado e mais inspirado, de modo a apresentar, desenvolver e explicar o que for necessário. E porque esta produção está intimamente influenciada por aquela lembrança de minha mãe, ainda que não devoto como ela o fosse, rogo em sua homenagem, que Deus me proteja e que Nossa Senhora da Conceição me acompanhe. Até o fim.